



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS — CCHA  
CAMPUS IV — DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES — DLH  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**NÁDIA JANE OLIVEIRA DE SOUSA**

**A NORMATIZAÇÃO DA VIDA: “O ALIENISTA” E A CRÍTICA AO SABER/PODER  
PSIQUIÁTRICO DO SÉCULO XIX**

**CATOLÉ DO ROCHA — PB  
2023**

NÁDIA JANE OLIVEIRA DE SOUSA

**A NORMATIZAÇÃO DA VIDA: “O ALIENISTA” E A CRÍTICA AO SABER/PODER  
PSIQUIÁTRICO DO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades — CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo

**CATOLÉ DO ROCHA — PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725n Sousa, Nadia Jane Oliveira de.

A normatização da vida: "O Alienista" e a crítica ao saber/poder psiquiátrico do século XIX. [manuscrito] / Nadia Jane Oliveira de Sousa. - 2023.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Ciência. 2. Poder. 3. Psiquiatria. 4. Literatura. I. Título

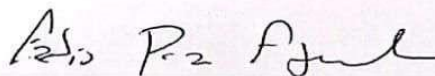
21. ed. CDD B869.93

NÁDIA JANE OLIVEIRA DE SOUSA

**A NORMATIZAÇÃO DA VIDA: "O ALIENISTA" E A CRÍTICA AO  
SABER/PODER PSQUIÁTRICO DO SÉCULO XIX**

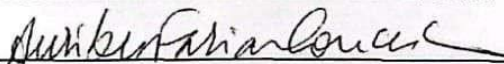
Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado ao  
Departamento de Letras e  
Humanidades CCHA/CAMPUS IV, da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito para obtenção do  
título de Licenciatura  
Plena em Letras  
Português.

APROVADO EM: 29 de    Novembro de 2023.

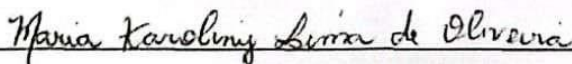


Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Auribio Farias Conceição (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV



Profª. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA — PB

**2023**

Dedico este trabalho ao meu avô Raimundo (in memoriam) o senhor partiu, mas permanece vivo em meu coração!

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por permitir que eu chegasse até esse momento, a jornada foi difícil, com muitas pedras no caminho, mas em nenhum momento Ele permitiu que eu desistisse, obrigada por me fortalecer diariamente, Deus.

Agradecer a minha família, especialmente a minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão que sempre acreditaram e mim e ajudaram como podiam para que eu tivesse a oportunidade de cursar e concluir o ensino superior, nos momentos difíceis vocês me deram forças. Obrigada por tudo que fazem por mim, amo vocês!

Gostaria de agradecer também a todos os amigos que conheci no curso e convivi durante quase cinco anos, passamos por muitos momentos juntos e aprendi muito com cada um de vocês e quero agradecer especialmente ao meu grupo de amigos de Riacho, foi com vocês que passei os momentos mais difíceis e também os mais alegres, vocês tornaram aquelas horas infinitas que passávamos na praça esperando o ônibus suportáveis, com certeza a amizade de vocês facilitou todo esse processo, amo vocês, “hum, Riaaaacho”.

Gostaria de agradecer também a todos que compõem o quadro de funcionários do DLH, o trabalho de vocês facilita nossos dias no campus. E a todos os professores que tive durante esses anos o meu muito obrigada por todo conhecimento repassado, pela troca durante as aulas e o apoio durante o curso, aprendi muito com todos vocês e cada um teve uma participação muito importante na minha formação como professora e também como pessoa, espero muito que eu possa exercer essa profissão com o mesmo comprometimento e brilhantismo de vocês.

Quero agradecer especialmente ao meu orientador professor Fábio Pereira Figueiredo, profissional e ser humano que admirei desde a primeira aula que tive com ele pela forma que falava de literatura, admiração essa que só que cresceu durante esses meses de orientação, muito obrigada por toda ajuda e pelas palavras de apoio durante esse período tão estressante que é o da escrita do TCC, o senhor fez muita diferença nos momentos difíceis desse processo, OBRIGADA!

E por último quero agradecer a mim mesma por nunca desistir, houve muitos momentos em que tive vontade de parar, mas sempre busquei forças para persistir e superar os obstáculos, estou muito grata por persistir nesse projeto!

Literatura que continue empregando linguística e modos formais de expressão novos para traçar um panorama da sociedade como um todo enquanto ao mesmo tempo a expõe, rasgando as máscaras de sua face, para mim seria merecedora de um prêmio.” (Elfriede Jelinek).

## RESUMO

A literatura é uma forma de representar a realidade por meio das palavras, bem como uma ferramenta de denúncia social, pois por intermédio dela é possível refletir sobre questões pertinentes à sociedade. Com isso, podemos analisar no conto “O Alienista”, o papel social do texto ficcional, pois o texto machadiano nos chama atenção para a crescente relação entre poder e ciência. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo principal evidenciar a crítica que Machado de Assis realizou ao absolutismo da ciência positivista e também ao poder psiquiátrico, muito em voga no século XIX. Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, fundamentada em estruturas teóricas de autores como Foucault (2007), Candido (2010) e Santana (2019), entre outros. Através da pesquisa realizada, foi possível compreender o papel social do texto ficcional, bem como a crítica de Machado ao absolutismo científico positivista e ao poder desmedido do médico psiquiatra.

**Palavras-chave:** Ciência; Poder; Psiquiatra; Literatura.



## **ABSTRACT**

Literature is a way of representing reality through words, as well as a tool for social denunciation, because through it it is possible to reflect on issues pertinent to society. With this, we can analyze in the short story "O Alienista", the social role of the fictional text, as the machadiana text draws our attention to the growing relationship between power and science. From this perspective, the main objective of the present work is to highlight the criticism that Machado de Assis made to the absolutism of positivist science and also to psychiatric power, very much in vogue in the nineteenth century. among others. Through the research carried out, it was possible to understand the social role of the fictional text, as well as Machado criticism of positivist scientific absolutism and the excessive power of the psychiatrist.

**Keywords:** Science; Power; Psychiatrist; Literature.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O BRUXO DO COSME VELHO: A TRAJETÓRIA DE UM GÊNIO LITERÁRIO DO ROMANTISMO AO REALISMO.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>LITERATURA E SOCIEDADE: APONTAMENTOS CRÍTICOS PARA UMA LEITURA DE “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>Breve histórico acerca do conceito de loucura: da antiguidade ao século XIX.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>A crítica machadiana à ciência positivista e ao saber/poder psiquiátrico do século XIX.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>RECORTES BIBLIOGRÁFICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA EM “O ALIENISTA”.....</b>	<b>24</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para o grande pensador e filósofo grego Aristóteles, a literatura seria uma forma de imitar a realidade através das palavras. Partindo desta definição, podemos pensar na escrita literária como uma ferramenta usada pelos escritores para expressar seus pensamentos, sentimentos e desejos ao mundo, e não só isso, mas a literatura também foi usada por muitos como ferramenta de denúncia social e é isso que podemos observar dentro da extensa obra de Machado de Assis.

Ao longo da história da humanidade a loucura foi interpretada de diferentes formas, para os gregos antigos a loucura era tida como algo mitológico, eles acreditavam que o louco tinha um canal direto com os deuses e interpretavam as manifestações como mensagens diretas dos deuses, essa teoria perdurou até que Hipócrates, o pai da medicina, dissociar completamente a doença mental da mitologia e associá-la à teoria dos quatro humores que consistia em definir o bem-estar ao equilíbrio dos quatro fluidos humanos.

A corrente filosófica denominada Positivismo surgiu no início do século XIX na França, e ela defende a ideia de que o conhecimento científico é o único verdadeiro. O século XIX foi um período de grande desenvolvimento científico, e a ideia da neutralidade científica, a qual defendia que a ciência era totalmente correta, acabou gerando um grande poder científico incontestável onde tudo que era dito científico era uma verdade absoluta, com isso surgiram muitas críticas e dentro da narrativa do Alienista podemos perceber como Machado de Assis era perspicaz e tinha um pensamento à frente de seu tempo, pois conseguiu contestar algo que na época era incontestável.

Pensando que a literatura pode ser usada como uma ferramenta de denúncia, o questionamento que norteia esta pesquisa é: a literatura tem o potencial de abordar e criticar questões pertinentes à sociedade de sua época? Diante disso, surge a necessidade de examinar o papel social do texto ficcional e a forma que o mesmo pode ser um agente de denúncia, por isto o presente trabalho tem por objetivo geral destacar a crítica machadiana existente no conto realista “O Alienista” ao absolutismo da corrente científica positivista e ao saber psiquiátrico do século XIX, através dos objetivos específicos que são: observar o relato da mudança acontecida dentro da

história após a abertura da Casa Verde e o impacto do poder psiquiátrico na vida dos moradores da Itaguaí fictícia de Machado de Assis.

“O Alienista” é uma das obras que marca a fase realista da escrita de Machado de Assis, classificado como conto, foi publicado em 1882 no volume de contos chamado “Papéis Avulsos”, mas que primeiramente foi publicado em capítulos no periódico “A Estação”, entre outubro de 1881 e março de 1882. O conto realista narra a história do recém-chegado da Europa Dr. Simão Bacamarte, um médico psiquiatra que decide abrir uma Casa de Orates<sup>1</sup> na cidade de Itaguaí, interior do Rio de Janeiro, a fim de desenvolver seus estudos sobre a mente e o comportamento humano.

A obra é considerada por muitos umas das mais divertidas e interessantes de Machado, além de ser uma das principais da sua segunda fase, que mostra as mudanças ocorridas no mundo e em sua escrita. Apesar do tom humorístico, essa história também traz um olhar crítico sobre o absolutismo científico do século XIX, e durante toda a narrativa Machado de Assis mostra o perigo que a ciência positivista exercia e como o conhecimento científico é um processo de construção, o que é o certo hoje pode não ser o certo amanhã.

Para a realização desta pesquisa bibliográfica qualitativa destacamos como aporte teórico os trabalhos de Foucault (2007), Candido (2010), Santana (2019), dentre outros autores que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa. Michel Foucault foi um grande professor, filósofo, historiador das ideias, filólogo, teórico social e crítico literário francês, as suas teorias analisam as relações entre conhecimento e poder e como as instituições sociais usam isso para controle social. Já neste trabalho a teoria de Michel Foucault tratada em “História da Loucura” (2007) direcionou os estudos em relação à loucura e a razão, já sua obra traz considerações a respeito das formas de relação com a loucura e de como elas mudaram durante a Idade Clássica.

Este trabalho se justifica pela necessidade do desenvolvimento de mais estudos sobre a forma que a literatura pode ser usada para relatar acontecimentos reais e de como a mesma possibilita refletir sobre a sociedade de diferentes épocas, e neste caso, sobre o desenvolvimento da psiquiatria e do conceito de loucura ao longo da história e uma crítica sobre a formação científica positivista.

---

<sup>1</sup> Palavra de origem espanhola, “orates” quer dizer indivíduo louco, sem juízo, tresloucado, doido, idiota. A Casa de Orates refere-se, portanto, a um manicômio: a Casa Verde.

A vontade de pesquisar este tema surgiu a partir do interesse pela literatura de Machado de Assis desenvolvido durante o estudo de suas obras ao longo dos anos de faculdade, a forma que o escritor utiliza a literatura como ferramenta para retratar e criticar a sociedade da época que viveu é fascinante. Já a escolha da obra se deu através do interesse pelo tema da loucura e a ciência que estuda a mesma, além da vontade de entender a forma que o poder científico era utilizado para silenciar e adequar pessoas que não se encaixavam no que era dito ser o normal na época.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos, os quais dividem-se em: o primeiro capítulo intitulado “O Bruxo do Cosme Velho: a trajetória de um gênio literário do Romantismo ao Realismo” que faz um levantamento biográfico sobre a vida do autor e toda sua obra, o segundo capítulo “Literatura e Sociedade: apontamentos críticos para uma leitura de “O Alienista” de Machado de Assis” é composto pela fundamentação teórica, e traz o embasamento crítico necessário sobre o assunto abordado na pesquisa, e, para finalizar, o terceiro capítulo “Recortes bibliográficos para uma análise crítica em “O Alienista” que se trata de uma análise literária destacando a crítica de Machado ao saber/poder psiquiátrico e a formação científica positivista do século XIX.

## 2. O BRUXO DO COSME VELHO: A TRAJETÓRIA DE UM GÊNIO LITERÁRIO DO ROMANTISMO AO REALISMO

Joaquim Maria Machado de Assis, conhecido como Bruxo do Cosme Velho ou simplesmente Machado de Assis, nasceu em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro-RJ, onde viveu sua vida até falecer em 29 de setembro de 1908. Machado de Assis era filho de Francisco José de Assis, descendente de escravos alforriados, e de Maria Leopoldina Machado de Assis, uma portuguesa originária da ilha de São Miguel. O escritor carioca ficou órfão de mãe ainda criança, e devido a pouca condição financeira da família não teve muita oportunidade de estudar e nunca frequentou o ensino superior. O menino que nasceu no Morro do Livramento escreveu romances, novelas, contos, peças, ensaios, poemas, resenhas, crônicas políticas, além de ser repórter, editor de revista, candidato a um cargo público, fundador e presidente da ABL, a fim de ascender socialmente, Machado ocupou diversos cargos públicos, e passou por vários ministérios do governo. O renomado escritor foi casado durante 35 anos com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes Machado de Assis, a mesma o auxiliou em seus escritos fazendo revisões.

Ainda muito jovem publicou seu primeiro trabalho como escritor no Periódico dos Pobres, um jornal que existia no Rio de Janeiro, foi o soneto intitulado de “À Ilma. Sra. D.P.J.A”, no soneto Machado fazia grandes elogios destinados a uma dama que ele identificou apenas como Petronilha. A partir daí publicou inúmeros trabalhos, nos mais diversos gêneros, ele foi romancista, cronista, dramaturgo, contista, jornalista, dentre outros, todos seus escritos resultaram na sua extensa e variada obra literária. O escritor é reconhecido por sua genialidade, sua capacidade de entender as pessoas e suas relações, além de sempre mostrar em suas obras seu tom crítico e acima de tudo sua ironia, que como foi citado por Jonh Gledson, crítico literário que estuda as obras do autor, “O próprio Machado disfarçava as suas opiniões, sempre numa ironia sem a qual ele praticamente não sabe escrever” (GLEDSON, 2008, p. 6).

Machado de Assis juntamente com outros escritores brasileiros fundaram, em 20 de julho de 1897, a Academia Brasileira de Letras, a ABL é uma instituição inspirada na Academia Francesa e foi criada com o intuito de preservar a Língua Portuguesa e sua literatura. Machado de Assis foi presidente da academia por mais de uma década e foi o fundador da cadeira n.º 23. A ABL foi fundada sob moldes e ideais bem definidos, e a entrada na mesma requeria que o acadêmico indicado a

ocupar a cadeira deveria seguir estes ideais éticos e estéticos além de possuir uma incontestável reputação literária e pessoal, pois “[...] todos aqueles que não compartilhavam dos mesmos ideais [...] da Academia acabavam vetados pela proverbial sisudez acadêmica.” (SILVA, 2007, p. 9) fora isso, também era relevante a posição social do acadêmico, pois a ABL precisava de nomes de visibilidade e influência nacional, isso possibilitou, mesmo que muitos possuíssem apenas uma publicação como escritores, a entrada de vários políticos e nomes importantes brasileiros, tal conduta gerou e gera até hoje inúmeras críticas à Academia Brasileira de Letras. Em 1941 a ABL criou o Prêmio Machado de Assis em homenagem ao mesmo, o prêmio hoje é o mais importante da Literatura Brasileira.

Machado viveu entre os séculos XIX e XX e presenciou inúmeras mudanças, no Brasil e no Mundo. Vivenciou a abolição de escravatura no Brasil, após a princesa Isabel assinar a Lei Áurea em 1888. Viu o Brasil deixar de ser uma monarquia e tornar-se uma República em 1889. Testemunhou os diversos avanços ocorridos na área da ciência e a transição entre os movimentos literários romantismo e realismo, e claro que todos esses acontecimentos impactaram em suas obras e muitos foram até retratados.

Como já fora citado anteriormente, a obra machadiana é muito extensa e transita por vários gêneros textuais. Seus escritos estão divididos entre dois movimentos literários, romantismo e realismo. Machado foi escritor da última fase do romantismo no Brasil, apesar de fazer parte da terceira geração do romantismo e de escrever nas características românticas, Machado tinha seu próprio estilo de escrita e desde seus primeiros trabalhos é possível observar o tom irônico, crítico e as características psicológicas dos personagens machadianos. Dessa sua primeira fase podemos falar do seu romance “Helena”, a narrativa se passa por volta dos anos 1850 e nela Machado faz uma crítica à sociedade da época, a qual era extremamente religiosa e que fazia de tudo para manter as boas aparências.

Machado passou por dois movimentos literários, mas o conto analisado neste trabalho faz parte de sua fase realista, então agora falemos mais detidamente sobre este movimento que sucedeu o romantismo. O realismo tinha por características analisar a realidade dando mais destaque para o homem e a crítica social, o movimento realista no Brasil tem seu pontapé inicial com o famoso romance de Machado intitulado “Memórias Póstumas de Brás Cubas” livro narrado por um defunto, que retrata todas as amarguras que teve em vida. Fazendo uma relação histórica, o

romance é ambientado no Rio de Janeiro, em um momento que antecede a abolição da escravatura e a Proclamação da República e em alguns trechos esses temas são citados. O escritor e o livro foram aclamados pela crítica, segundo a escritora Susan Sontag:

“Com tempo bastante, vida póstuma bastante, um grande livro termina por encontrar o seu lugar de justiça. E talvez alguns livros precisem ser redescobertos seguidas vezes. Memórias Póstumas de Brás Cubas é pelo visto um desses livros arrebatadoramente originais, radicalmente céticos, que sempre impressionarão os leitores com a força de uma descoberta particular.” (SONTAG, 2020, p.21)

A crítica ressalta a habilidade que Machado tinha de escrever de forma original e de como ele era um homem a frente de seu tempo, que conseguia provocar a quem lia suas obras descobertas únicas e diferentes.

Outra famosa obra do escritor, que também faz parte da fase realista de Machado e pertence à “Trilogia Realista” é o romance “Dom Casmurro”, escrito em 1899. “Dom Casmurro” conta a história de Bentinho e Capitu, a dona do “olhar de cigana oblíqua e dissimulada”, ao longo dessa narrativa tomamos conhecimento sobre a vida de Bentinho, seu período no seminário, seu amor por Capitu e o ciúme doentio que o mesmo nutria por Capitu e Escobar.

“E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me” (ASSIS, 2019, p. 198).

“Dom Casmurro” é a obra mais conhecida de Machado de Assis, e até hoje gera a grande discussão “Capitu traiu ou não traiu Bentinho?” essa obra tem por principais características a crítica a sociedade, o pessimismo e a metalinguagem.

Falemos agora da obra que será trabalhada nesta pesquisa “O Alienista”. “O Alienista” é uma das obras de Machado de Assis classificado como conto, foi publicado em 1882 no volume de contos chamado “Papéis Avulsos”, mas primeiramente a estória foi publicada em capítulos no periódico A Estação, entre outubro de 1881 e março de 1882. O conto narra a estória do recém-chegado da Europa Dr. Simão Bacamarte, um médico psiquiatra que decide abrir uma Casa de Orates em Itaguaí para desenvolver seus estudos sobre a mente humana. Com a chegada do médico e a abertura da Casa Verde a população da Itaguaí fictícia enfrenta muitas mudanças no seu cotidiano, o Alienista conta com o apoio da câmara de vereadores da cidade e assim consegue ter grande poder para realizar seu estudo



da forma que ele considera que trará os melhores resultados para a ciência, sem considerar o impacto na vida dos moradores da cidade.

O conto foi escrito em um momento de grande desenvolvimento científico, nesse período muitas teorias científicas surgiram e ocorreram grandes avanços, mas também nesse período que o positivismo ganhava força e existia a ideia de que tudo era válido para que se realize a ciência, ideia essa extremamente perigosa, e em seu conto de 1882, Machado já chama atenção para esse assunto, décadas antes das ligações entre ciência e poder serem pensadas.

As datas desta obra já centenária nos colocam nos limites de um século que se assumiu cientificista e nos arredores de modificações substanciais na vida brasileira: estão no ar os ideais republicanos e o positivismo é um caldo no qual todos parecem imersos. Nem todos, é claro. Machado não está entre eles: o olhar cético não o abandona. (GOMES, 1993, p. 147)

Este conto mostra a capacidade que Machado de Assis tinha de perceber os acontecimentos de sua época com um certo olhar um tanto que premonitório e mostra também como ele era um homem a frente de seu tempo. A estória não se trata exatamente do que seria loucura ou não, mas sim da relação de poder que a ciência conseguia exercer no momento histórico no qual a narrativa é ambientada.

Tratemos agora sobre a forma de escrita de José Maria Machado de Assis, muitos críticos definem Machado de Assis como um dos maiores escritores brasileiros, suas características de escrita um tanto singulares dificultaram até a categorização de suas obras dentro dos movimentos literários, pois mesmo suas obras contendo diversas características dos movimentos romantismo e realismo, também possuem um estilo próprio de Machado.

A data do seu nascimento e do seu aparecimento na literatura o fazem da última geração romântica. Mas a sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literários, a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (VERÍSSIMO, 1998, p. 182)

Apesar de ter sua obra definida como sendo uma parte pertencente ao movimento romântico e a outra ao movimento realista, muitos estudiosos da obra Machadiana dizem haver em seus escritos características únicas do escritor, que mesmo escrevendo dentro do perfil dos movimentos literários de sua época conseguiu desenvolver sua particularidade, o que o tornou um literato tão único e notável.

O crítico brasileiro José Veríssimo também ressaltou em seu livro “História da Literatura Brasileira” (1998) no qual dedicou um capítulo inteiro ao escritor, a forma

como Machado de Assis desenvolveu sua escrita a cada novo trabalho, ele diz que ao contrário de outros escritores brasileiros que parecem ter escrito apenas uma grande história, Machado apenas progrediu e aperfeiçoou sua obra, o crítico literário atribui tal progresso, dentre outras coisas, à dedicação do escritor para com o estudo da língua através da leitura clássica Veríssimo (1998).

Outra característica marcante da obra do Bruxo do Cosme Velho é com certeza a forma que ele fazia críticas à sociedade em seus livros, característica essa que fazia parte da escrita realista, na sua extensa coleção de histórias, principalmente nas da segunda fase, é possível perceber o tom crítico dirigido à sociedade do período, principalmente à burguesia. Mas não foi somente a isso que Machado fez críticas em suas histórias, à escravidão, a instituição do casamento, o sistema capitalista e muitos outros também foram alvos da crítica machadiana.

Com a variedade de temas, de enredos de ações, de episódios, que distinguem cada romance de Machado de Assis no conjunto de sua obra, há em todos uma rara unidade de inspiração, de pensamento e de expressão. Todos, porém, representam, talvez com demasiado propósito, mas sem excesso de demonstração, a tolice e a malícia humanas. É este o tema geral, e ao mesmo tempo o duende, o espantalho do escritor. Ele descobriu esses estigmas e os expôs sob todas as suas faces e modalidades, até ao amor paterno ou na ternura materna, nas ações mais sublimes e nos atos mais corriqueiros, e não por um propósito também malicioso ou simplesmente literário, mas porque os seus olhos de artista — o que pode ser uma inferioridade ou um defeito — não os viam senão assim, e a sua íntima sinceridade lhe não permitia modificar a própria visão por comprazer com o gosto vulgar. (VERÍSSIMO, 1998, p. 189)

Com certeza a principal característica de Machado de Assis é a forma que ele conseguiu enxergar a humanidade e retratá-la em suas histórias, sempre com um olhar perspicaz que conseguia transmitir para o leitor, através de suas histórias e personagens, os acontecimentos vivenciados por ele, acredito que por isso que as obras de Machado de Assis se mantêm atuais mesmo com o passar dos séculos.

### 3. LITERATURA E SOCIEDADE: APONTAMENTOS CRÍTICOS PARA UMA LEITURA DE “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

Na Grécia antiga as expressões literárias já eram vistas como uma forma de arte e de representar o mundo, com a publicação da obra “Manifesto das sete artes” do intelectual Ricciotto Canudo no ano de 1923, foram estabelecidas as sete artes clássicas, sendo a Literatura uma delas. Desde a antiguidade que o homem usa das histórias de conhecimento popular para inspirar seus escritos, sendo assim a literatura é uma forma de representar a realidade de um determinado período histórico. Para Antônio Candido a literatura tem um papel social, pois como disse o mesmo “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2004, p. 180) partindo desse pensamento podemos considerar que o texto literário tem grande impacto social.

A obra de Machado de Assis “O Alienista” tem grande importância para o meio acadêmico, inúmeros pesquisadores já trabalharam o conto e analisaram a forma como o escritor carioca retratou o tema da loucura e da psiquiatria de forma bem humorada e visionária:

Uma leitura mais aprofundada do conto apresenta ao seu leitor uma trama repleta de ironia e humor que delinea os personagens e suas ações, mas que também dão indícios das próprias impressões que o autor detinha da sociedade na qual estava inserido. O alienista não é um reflexo da realidade, mas uma caricatura do tempo de sua produção e todas as suas problemáticas, imbuído de metáforas, exageros e deformações pertinentes do trabalho criativo do autor. (SANTANA, 2019, p. 228)

O conto foi usado em diversos trabalhos científicos a fim de se pensar questões sobre a loucura, alguns foram utilizados nessa pesquisa como: “A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista” Andrade; Lima; Santos (2014) pesquisa esta que busca explicar a relação da literatura com a loucura e como esse tema foi retratado ao longo da história literária, também estudamos “Entre costumes e tipos: uma análise D’O Alienista de Machado de Assis” de Santana (2019) este artigo analisou o conto com o intuito de entender o discurso sobre razão e progresso científico acontecidos no século XIX, além do trabalho de Gomes (1993) “O alienista: loucura, poder e ciência” que analisou através da interpretação do conto as relações de poder que a ciência exercia, ambos trabalhos são relevantes para a comunidade acadêmica e abordam pontos importantes da obra.

Machado de Assis sempre foi um homem muito perspicaz, e os assuntos relevantes da época sempre foram temas de suas histórias, e partindo disso, tentaremos entender como o meio social pode interferir na criação literária e o impacto social do texto literário.

A história de O Alienista mostra que seus personagens, o ambiente e o tempo estão permeados por diferentes caricaturas do comportamento humano e social, que em alguma medida dialogam com os contrassensos presentes no cotidiano do Rio de Janeiro. (SANTANA, 2019, p. 228)

Sendo assim, podemos considerar que o meio social onde o autor está inserido pode, sim, refletir na sua criação literária. O escritor consegue reproduzir em seus textos o que vivência em sociedade, sendo assim a literatura tem o poder de retratar diversos assuntos que estão em evidência no meio social.

Em seu livro “Literatura e Sociedade” (2010) Antônio Cândido reflete sobre os efeitos das obras de arte na sociedade, e a relação entre autor-obra-público. Para o autor “A poesia das sociedades primitivas permite avaliar a importância da experiência cotidiana como fonte de inspiração, sobretudo com referência às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo” (CANDIDO, 2010, p.40), para o sociólogo, se a criação literária refletir algo do dia a dia do seu público essa irá gerar um impacto emocional, sendo assim a obra gera certa influência na sociedade e a impacta de alguma forma.

Acredita-se que o texto ficcional possui grande valor social, pois através da ficção podemos abordar temas de relevância social e assim conseguir atingir de forma mais proveitosa o público que terá acesso a esse determinado texto. Para Antônio Candido:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (CANDIDO, 2010, p. 84)

Partindo disso, podemos entender o papel do texto literário sobre o meio social, pois a obra influencia o leitor na mesma medida que o leitor, a época e o contexto histórico influencia a interpretação da obra. Sendo assim podemos dizer que o texto ficcional tem sim um importante papel e impacto social.

### **3.1 Breve histórico acerca do conceito de loucura: da antiguidade grega até o século XIX**

Neste ponto objetivamos realizar um breve levantamento histórico sobre o conceito de loucura e como o mesmo foi desenvolvido ao longo da história. Para os gregos antigos, o louco tinha um papel bem diferente na sociedade, o mesmo era visto como um ser privilegiado, conectado com o divino. Acreditava-se que o comportamento diferente do considerado louco era resultado da manifestação dos deuses.

Já na Idade Média, momento histórico em que a igreja católica exercia grande poder e era responsável por comandar todo o sistema social, a loucura e o louco começaram a ser vistos pela sociedade com maus olhos, pois o mesmo, segundo a igreja, representava a ação do maligno, os que eram acometidos por doenças mentais eram vistos como sendo possuídos pelo demônio. Nesse momento a loucura era definida pela religião e o louco como um pecador que precisava ser cuidado pela igreja, nesse período surgiram as santas Casas de misericórdia.

Do século XV até o século XVIII a loucura será definida por um eixo racional, nesse período a loucura será entendida como uma desrazão. O cuidado dos loucos foi delegado aos médicos, porém isso não resultou em bons tratamentos, pois a demanda era muito grande e existiam poucos profissionais. “A partir da metade do século XVII, a loucura esteve ligada a essa terra de internamentos, e ao gesto que lhe designava essa terra como seu local natural” (FOUCAULT, 2007, p. 48), os loucos eram acorrentados e mantidos excluídos do meio social porque eram considerados indesejados.

Do final do século XVIII até os dias atuais a loucura é classificada pela ciência. É nesse momento que a loucura é homologada como transtorno mental e definida como uma patologia, a partir disso começa uma reforma nos métodos de tratamento das doenças mentais. No final do século XVIII os estudos de Philippe Pinel, médico francês considerado por muitos o pai da psiquiatria, afirmam que a doença mental é resultado de experiências de vida e que são totalmente corrigíveis desde que tratados em um ambiente físico adequado, com isso surgem as primeiras instituições manicomiais na Europa.

### 3.2 A crítica machadiana à ciência positivista e ao saber/poder psiquiátrico do século XIX

O livro “A história da Loucura” de Michel Foucault, publicado pela primeira vez em 1961, traz um relato cronológico acerca da loucura a partir da Idade Média, e a forma que a mesma foi tratada ao passar dos séculos. Na obra conta que logo após a regressão da lepra, mal que assolou o período medieval, os leprosários que agora estavam vazios foram logo ocupados por incuráveis e loucos Foucault (2007). O tema da loucura na literatura data do século XV, período que a temática ganhou força e “A denúncia da loucura torna-se a forma geral de crítica. “Nas farsas e nas sotias, a personagem do Louco, do Simplório, ou do Bobo assume cada vez maior importância” (FOUCAULT, 2007, p. 14), é desde esse período que o tópico da alienação mental é usado pelos escritores para trazer críticas sobre inúmeras questões e foi isso que Machado de Assis fez no século XIX ao publicar seu conto “O Alienista”.

Durante o século XIX vigorava no Brasil e no mundo os preceitos positivistas da ciência, o que dava grande poder a comunidade científica. A teoria positivista de Auguste Comte se trata de um fundamento que acredita que apenas o conhecimento científico é o verdadeiro e que esse era absoluto. No conto “O alienista” podemos observar a crítica que Machado de Assis faz ao método positivista, principalmente no âmbito da ciência psiquiátrica, como ressaltou Corbanezi em seu artigo “O TERROR DO POSITIVO: O alienista e o positivismo comteano”:

Por meio da ironia e da dissidência em relação ao fascínio de seus contemporâneos pela ciência, Machado de Assis pode realizar, em O alienista, uma crítica social que questiona os limites entre loucura e a normalidade, os quais emergem do discurso científico positivista do século XIX. (CORBANEZI, 2015, p. 213)

Enquanto seus contemporâneos aceitavam de bom grado a corrente sociológica de Augusto Comte, o autor carioca usava de sua escrita para questionar a crença desmedida nos princípios científicos através da criação de um personagem que durante o século de maior desenvolvimento científico faz o saber psiquiátrico ser visto de forma cômica e incerta, pois, ao mesmo tempo que o personagem profere palavras poderosas, as mesmas tornam-se precárias ao longo que seus estudos não resultam em nada Corbanezi (2015).

A abordagem literária da loucura é diferente da abordagem científica, e nesse conto Machado usa da temática da alienação para tratar de diferentes questões:

A noção colocada [...] neste trabalho é baseada no olhar diferenciado do autor sobre a loucura estabelecida a partir do prisma médico-alienista, no momento em que se iniciara uma forte efusão de ideias científicas que acabaram por fundamentar o prematuro discurso. A questão da loucura é tratada no conto sob uma perspectiva crítica. Esta se debruça sobre os discursos de poder, retirando o foco do que seria a alienação mental para discutir a produção da loucura e suas tipificações. (ANDRADE et al., 2014, p.38)

Machado com toda sua sagacidade usou o conto, que à primeira vista trata exclusivamente da loucura, para trazer uma crítica sobre o crescimento do discurso positivista e do poder científico. No entanto a obra não se trata de definir o que é ou não loucura, “A questão fundamental do texto está noutra lugar: o poder da ciência que a retórica científica pretende mascarar”. (GOMES, 1993, p. 153), o escritor mostra-se estar à frente de seu tempo ao questionar um saber que se diz ser absoluto.

A todo momento, ao longo da narrativa de “O Alienista” Machado de Assis tenta chamar atenção para a questão política de poder da psiquiatria, para o estudo da loucura e a forma que o mesmo se dá, ele não quer contestar ou analisar a loucura, como disse Roberto Gomes:

Machado quer, isso sim, puxar o tapete sobre o qual repousa todo este delírio, revelando seu fundamento: o próprio empreendimento normatizador. Limita-se, portanto a narrar as proporções de um grande desastre. Não se trata de decidir entre esta ou aquela concepção de loucura. Trata-se de corroer as bases do projeto psiquiátrico. (GOMES, 1993, p. 150)

A narrativa trata de questionar o absolutismo científico e a prática psiquiátrica que tudo fazia sem ser contestada. Ele chamava atenção para a busca desmedida por se estabelecer um limite entre a razão e a desrazão.

Desde a Idade Média que os loucos eram exilados, mas nesse período a finalidade disso era de livrar as cidades de sua presença “As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corressem pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos” (FOUCAULT, 2007, p. 9). Percebemos que desde o princípio existiu essa necessidade de “varrer” do convívio social pessoas que não se enquadravam na sociedade, alguns séculos depois, especificamente o final do século XVIII, Philippe Pinel desenvolve na Europa os primeiros estudos sobre a loucura e a define como uma doença mental, o médico francês começa a classificar os enfermos e separar aqueles que tem algum desvio social dos que possuem uma doença mental, tal estudo resultou na especialidade médica que conhecemos como psiquiatria e no surgimento das primeiras instituições dedicadas a abrigar os alienados para fim de serem observados, estudados e

tratados. Em 1841, o imperador do Brasil Dom Pedro II decreta a criação do primeiro hospício do país, o qual é inaugurado em 1852, foi a primeira vez que os alienados do país tiveram uma instituição para recebê-los e oferecer algum tipo de tratamento.

Em sua tese de mestrado, Andrea Czarnobay Perrot, ressalta a forma que Machado trabalha sua crítica no conto e diz que:

Ao debater o problema através de seus personagens, o autor critica não somente a crença desmedida na ciência — no caso, representada pelas ideias positivistas e pela psiquiatria — como, também, faz usa dessa crítica para discutir a natureza das relações de poder existentes na sociedade. (PERROT, 2001, p. 91)

É possível enxergar essa crítica às relações de poder da sociedade quando em determinado momento da narrativa a população começa a questionar os métodos do alienista e a palavra do mesmo se mantém soberana pois ele era um doutor estudado, portanto sabe mais que a população leiga. “São evidentes as diferenciações da superioridade de Bacamarte em relação à simples população de Itaguaí: com formação na Europa, o protagonista é descrito, repetidas vezes, como ilustre médico” (CORBANEZI, 2015, p.22.).

No capítulo intitulado “Casa dos Loucos” do livro “Microfísica do Poder” (1979) de Michel Foucault, o autor nos faz refletir sobre a relação de poder que o médico psiquiatra exercia sobre o seu paciente durante o século XIX, pois sendo o manicômio um lugar de diagnóstico e o médico o portador do conhecimento a respeito da doença, o mesmo tinha a possibilidade de também criá-la.

O poder do médico lhe permite produzir doravante a realidade de uma doença mental cuja propriedade é a de reproduzir fenômenos inteiramente acessíveis ao conhecimento. A histórica era a doente perfeita pois que fazia conhecer. Ela retranscrevia por si própria os efeitos do poder médico em formas que podiam ser descritas pelo médico segundo um discurso cientificamente aceitável. (FOUCAULT, 1979, p. 123)

Sendo assim, também é possível perceber no texto de Machado essas relações de poder exercida pelo alienista sobre os moradores de Itaguaí, assim como podemos enxergar dentro da obra o que foi dito por Foucault, uma vez que o alienista acaba por trancar dentro da Casa verde 3\4 da população da cidade com base apenas no que o médico considera ser manifestações de loucura.

Em muitos momentos ao longo da estória da obra estudada é evidenciado o poder que Simão Bacamarte operava na Itaguaí fictícia, o médico alienista conseguia realizar todas as suas vontades em decorrência do discurso científico, rara foram às vezes que a alguém o questionou, e nas poucas vezes que aconteceu o médico



justificou dizendo que a ciência era a ciência e que ele era o conhecedor, e, portanto, o único com capacidade de dizer o que era ou não aceitável.

“A ciência é a ciência”, afirma, assumindo seus direitos de homem raro, colocado acima do bem e do mal — não dará explicações de seus atos a seres vulgares. A Casa Verde é um templo e ele o sacerdote: só Deus e os mestres sabem melhor. As críticas a seus atos procedem do vulgo, do presente e do imediato — seu discurso desqualifica os que querem ver nele um delirante, um homem que, por ter estudado demais, perdeu o juízo. De resto, tais críticas só evidenciam o desequilíbrio mental de seus opositores. A ciência, que vive em seu espírito e em cada detalhe de seu corpo, assegura suas imunidades. (GOMES, 1993, p. 146)

O artigo “ENTRE COSTUMES E TIPOS: UMA ANÁLISE D’O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS” da autora Mirna Brito Santana, traz uma análise a respeito da crítica destinada à sociedade presente no texto de Machado e discorre sobre a opressão instaurada em Itaguaí em decorrência do discurso científico e submissão dos moradores ao alienista, pois a população não tinha poder de opinar em nada e nem de fazer coisa alguma, o único papel dos habitantes era o de amostras para as experiências de Simão Bacamarte.

o que pode ser incorporado ao contexto da vila de Machado enquanto crítica de sua sociedade foi o caráter autoritário do discurso médico que abriu espaço para ciência, o que ocasionou um choque entre as autoridades envolvidas nesse processo e a população que não participava dos debates e problematizações sobre sua realidade, mas somente como objeto de estudo. (SANTANA, 2019, p. 231)

Diante do que até aqui já fora exposto, podemos constatar a maneira que o texto ficcional pode refletir sobre questões do seu tempo e ter o papel de denunciá-las, assim como percebermos que Machado fez isso em suas obras, sempre fazendo críticas à sociedade e aos assuntos pertinentes do momento.

#### 4. RECORTES BIBLIOGRÁFICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA EM “O ALIENISTA”

Neste capítulo faremos uma análise da obra de Machado de Assis “O Alienista”, esse conto realista, divertido e cheio de crítica trata da estória de um médico psiquiatra que resolve fundar uma espécie de hospital psiquiátrico para estudar os mentecaptos de sua cidade. A análise tem por objetivo evidenciar dentro da narrativa machadiana as questões trabalhadas ao longo da fundamentação teórica, que são, a crítica que Machado realizou à ciência positivista e ao saber/ poder psiquiátrico do século XIX, a partir dos próximos parágrafos serão destacados trechos da estória a fim de estabelecer uma relação entre o assunto do livro e os pontos estudados na pesquisa.

Simão Bacamarte é um médico formado na Europa que volta ao Brasil com o propósito de se dedicar ao estudo da ciência, mais precisamente o estudo das patologias cerebrais, para isso busca apoio do poder municipal para poder fundar uma Casa de Orates, lugar que acolheria os doentes e os trataria, mas logo percebeu-se que o verdadeiro interesse do Dr. Bacamarte era, na verdade, o de ter um local de armazenamento para seu objeto de estudo e não de cuidar dos loucos, como podemos notar no fragmento a seguir:

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. [...] -- Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos. (ASSIS, 2014, p. 24)

Com a fundação do asilo, o alienista pode ter acesso a muito material de estudo, e com sua posição de médico detentor do saber, tinha o poder de realizar seus experimentos sem precisar de muitas justificativas. Logo após a abertura da Casa Verde instaurou-se um reinado de terror na cidade de Itaguaí, pois agora o menor desvio comportamental poderia ser visto pelo alienista como um sinal de loucura e esse logo recolhia o doente para ser estudado.

Ao longo do conto percebemos o crescente poder do discurso científico, o que o alienista diz é a verdade absoluta e ninguém o pode contrariar, por ser ele que se dedica ao estudo da ciência e sendo assim o único que pode dizer o certo e o errado, a todo momento Machado mostra em seu conto a relação entre ciência e poder e mostra como Simão Bacamarte torna-se superior aos demais cidadãos de Itaguaí. Tal superioridade do homem estudado pode ser notada no seguinte trecho:

Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo

horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras. (ASSIS, 2014, p. 32)

Com a abertura da Casa Verde, a população de Itaguaí percebe a drástica mudança ocorrida em sua cidade, pois agora qualquer comportamento diferente poderia levar qualquer morador a se tornar um recluso do asilo do alienista, pois ele desenvolve uma nova teoria que abrange muito mais seu estudo, a qual diz “A loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”. (ASSIS, 2014, p. 34) a partir disso tudo se torna loucura e muitos moradores são recolhidos à Casa Verde. Ao revelar a Crispim Soares sua mais nova teoria, o alienista faz um comentário que interpreto como sendo colocado por Machado como forma de crítica ao positivismo científico, pois usa o próprio estudioso para falar sobre a verdadeira face científica, como vemos na citação: “Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante.” (ASSIS, 2014, p. 34).

Após a descoberta da nova teoria, o alienista instaura um período de terror em sua cidade, pois agora acreditando que a loucura é um extenso território e que pode estar em qualquer um, o próprio alienista sai de casa em casa observando o comportamento de todos e ao menor sinal de desordem classifica o cidadão como portador de alguma patologia cerebral e apanha a pessoa para a Casa Verde, exemplo disso foi quando o alienista prendeu o Costa, um dos moradores mais estimados de Itaguaí, que perdeu toda a fortuna herdada de seu tio fazendo empréstimos, a prisão do cavalheiro deixou a população incrédula.

Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, -- ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, que ele não podia deixar na rua um mentecapto. A última pessoa que intercedeu por ele (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilíbrio das faculdades mentais, à vista do modo como dissipara os cabedais [...]. (ASSIS, 2014, p. 40)

A prima do Costa tentando auxiliar o parente acaba também ficando presa, a pobre senhora afirmou que o primo só era descuidado das finanças em virtude de uma

praga jogada nas posses que herdara, com isso o médico rapidamente também a classificou como desajuizada por acreditar em tal coisa “Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados.” (ASSIS, 2014, p. 41)

O alienista não parou por aí, e continuou recolhendo à Casa Verde qualquer um que ele julgasse padecer de transtornos mentais, a menor característica diferente era encarada como loucura, essa determinada postura do alienista comprova o que foi dito por Foucault a respeito do poder que o médico alienista detinha, pois como citou, o psiquiatra tinha aptidão de criar a doença que dizia tratar, uma vez que ele era quem possuía o conhecimento necessário ao diagnóstico Foucault (1979).

Em muitos momentos da obra podemos notar o que afirmou Michel Foucault a respeito do poder do médico psiquiatra, em muitas passagens do conto é relatado como Simão Bacamarte prende pessoas que até então eram tidas como totalmente sãs, simples manias e/ou costumes eram categorizados como sendo algum tipo de loucura, e quando o alienista era questionado sobre determinada prisão tudo que ele respondia era que ele era o conhecedor da ciência, sendo assim ele poderia recolher à Casa Verde quem achasse necessário e não deveria ser contestado. Mais um exemplo de prisão por simples desvio comportamental foi a do albardeiro, um homem que gostava de se exhibir em frente a sua grande casa e foi recolhido após ser observado pelo alienista e ser diagnosticado como portador do “amor das pedras”.

O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-se à janela, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes... Triste! Triste! Não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde. (ASSIS, 2014, p. 44)

A partir disso surgiu um sentimento de revolta na população, e começaram a comentar que o asilo era uma cadeia, a cada dia mais pessoas eram recolhidas e a população não entendia como a cidade podia ter tantos mentecaptos, achavam estranho, comentavam a respeito entre si, mas a crença de que a ciência era algo certo de que mesmo não entendendo a crescente descoberta de loucos, pouco questionavam, pois, acreditavam no discurso científico do alienista, como podemos notar no próximo fragmento:

D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar;

o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura. --- Sem dúvida... sem dúvida... ia pontuando o vigário. (ASSIS, 2014, p. 46)

Nesse trecho podemos perceber que mesmo não havendo um entendimento a respeito da conduta do Dr. Bacamarte, todos acabam por aceitar o que ele faz em decorrência do poder que ele exerce por ser um homem estudado e detentor do conhecimento científico, com isso podemos pensar sobre o que foi dito no artigo “A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis” sobre a forma que o Bruxo do Cosme Velho fala da ciência em sua estória:

Machado de Assis procura evidenciar no conto que a ciência não se manifesta apenas como um conhecimento superior e definitivo daquilo que se pode provar, mas que ela é feita também por meio daquilo que se pode persuadir. (ANDRADE; LIMA; SANTOS, 2014, p. 44)

Com o passar dos dias mais pessoas foram internadas na Casa Verde, os cidadãos de Itaguaí ficaram aterrorizados, todos tinham medo e cada vez menos entendiam as teorias do alienista.

O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou mais capangas. Positivamente o terror. (ASSIS, 2014, p. 48)

Simão Bacamarte assombrava a população, muitos chegaram a ir embora da vila, pois o médico saía prendendo quem ele considerava precisar de tratamento, o recolhido não tinha vontade, era levado sem que ao menos a família procurasse tratamento, Dr. Bacamarte exercia sem ressalvas seu poder de médico psiquiatra.

Além do poder que o alienista possuía em decorrência do seu discurso científico, ainda contava com o apoio por parte do poder municipal de Itaguaí, quando a população resolveu se manifestar sobre o crescente número internações e procurou apoio da câmara de vereadores para fechar a Casa Verde, recebeu a seguinte resposta: “A câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.” (ASSIS, 2014, p. 51) cada vez mais o poder do alienista crescia, com a justificativa de que o conhecimento científico era superior.

Mesmo com a recusa da câmara municipal, muitos cidadãos continuaram com a revolta, juntaram-se e foram procurar o Dr. Simão Bacamarte para exigir que ele liberasse os moradores que estavam reclusos e fechasse a Casa Verde, os

manifestantes brandavam palavras de ameaça ao alienista, mas isso pouco o intimidou, mostrou-se mais uma vez sendo superior e apenas respondeu:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo aos loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (ASSIS, 2014, p. 55)

Analisando esse trecho do conto podemos comprovar como a figura do alienista exercia grande domínio na cidade de Itaguaí, ele acreditava que seus feitos deveriam ser aceitos pelo simples fato de serem realizados em nome da ciência e essa não deveria ser questionada. Outra coisa que podemos observar nesse fragmento é a questão que a população de Itaguaí está nas mãos do alienista, ele faz o que bem-quer, tudo autorizado pelo discurso científico, enquanto os cidadãos não podem questionar nada, pois são tidos pelo psiquiatra apenas como objeto de estudo Santana (2019).

A revolta só resulta em uma nova teoria do alienista, a fala de Porfírio dizendo ao alienista que o governo não poderia controlar a loucura e que ele não quer acabar com o asilo, mas sim, liberar alguns dos loucos para acalmar os ânimos da população só desperta no alienista a suspeita que o barbeiro também possui uma doença cerebral, pois agia com duplicidade. Com isso, Simão Bacamarte prende mais pessoas na Casa Verde, incluindo o barbeiro Porfírio.

Este ponto da crise em Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. [...]. Mas a prova mais evidente da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a câmara lhe entregou o próprio presidente. (ASSIS, 2014, p. 70)

A partir disso o terror realmente domina Itaguaí, pois agora ninguém estava isento do poder de Simão Bacamarte, qualquer atitude diferente era motivo para recolher o indivíduo à Casa Verde, o alienista estava completamente descontrolado e não havia nada que a população pudesse fazer, pois até mesmo a câmara de vereadores estava em suas mãos.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. [...]. Se um home era avaro ou pródigo

ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (ASSIS, 2014, p. 71)

Nesse momento da estória a maioria dos moradores de Itaguaí são presos, até mesmo a esposa do alienista acaba sendo recolhida ao asilo, fato que choca a cidade e ao mesmo tempo aumenta ainda mais a credibilidade do médico, pois ele prende até mesmo a esposa em nome da ciência, mas tal conduta do alienista dura pouco tempo e novamente a população fica em choque ao descobrir, por meio de um ofício que Bacamarte mandou à câmara, que todos os loucos seriam soltos. “Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; [...]” (ASSIS, 2014, p. 76).

O entusiasmo pela liberação dos presos foi tão grande que muitos não se atentaram a nova teoria que o ofício trazia, “Foi adotada, sem debate, uma postura autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais.” (ASSIS, 2014, p. 77) agora as pessoas perfeitamente sãs que eram tidas como loucas.

Ao cabo de cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. (ASSIS, 2014, p. 79)

Ao analisarmos essa parte ainda podemos perceber o poder que o alienista continua tendo, porque mesmo recolhendo menos pessoas agora, ainda assim faz isso segundo a sua vontade, ele mesmo vai de casa em casa à procura dos próximos asilados.

Essa nova teoria deu resultados, e ao longo de alguns meses o alienista conseguiu “curar” todos os que estavam internados. Mais uma vez podemos pensar sobre o poder do psiquiatra a partir do que foi ressaltado por Foucault (1979) que o médico psiquiatra tinha o poder de produzir os efeitos da doença que dizia tratar, assim também tinha o poder de curar aquilo que era classificado como loucura.

Por fim analisaremos a última teoria do Dr. Simão Bacamarte, a liberação do último recluso da Casa Verde suscita uma preocupação no alienista, pois o mesmo agora acreditava que uma nova teoria havia surgido e que agora conseguiria encontrar a verdade sobre a loucura e assim encontrar sua cura.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. (ASSIS, 2014, p. 86)

Com a nova teoria, o alienista passou a acreditar que ele mesmo era o verdadeiro louco de Itaguaí, e decidiu trancar-se na Casa Verde para que assim pudesse estudar a si mesmo “Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.” (ASSIS, 2014, p. 87).

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; [...] (ASSIS, 2014, p. 88)

Podemos perceber como este último fragmento ressalta toda a crítica feita por Machado de Assis à ciência positivista e ao saber/poder psiquiátrico em seu conto “O Alienista”, pois mostra que mesmo após tantos estudos, tantas teorias e tanto crédito dado ao alienista por ele ser um homem da ciência, o ilustre Dr. Simão Bacamarte parte desse mundo sem ter conseguido comprovar nada e muito menos encontrado a cura da loucura.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões abordadas neste trabalho, é possível perceber na obra de Machado de Assis “O Alienista” a função social da literatura e como essa pode nos fazer refletir sobre aspectos da época em que foi produzida. O século XIX foi um período de grande avanço científico e tal avanço fez com que a ciência fosse vista como uma verdade definitiva e todo discurso científico era tido como superior e absoluto. Esta posição absolutista da ciência, acabou por suscitar uma relação de poder, e em nome da ciência muitos absurdos foram cometidos e aceitos sem questionamento.

O conto machadiano tem grande repercussão no meio científico, até hoje é usado em muitas pesquisas sobre doenças mentais. Também tem grande impacto no meio literário, pois sua obra é estudada para entender diversos aspectos descritos no texto, como a relação entre ciência e poder e também a questão sobre o terror da corrente psiquiátrica positivista, além dos pontos estudados nesta pesquisa que são: a crítica exercida à ciência positivista e ao saber/poder psiquiátrico do século XIX através da literatura.

Durante as pesquisas para realizar este trabalho pudemos entender como o conceito de loucura foi tratado ao longo dos anos até que a mesma fosse diagnosticada como um transtorno mental, com isso conseguimos perceber como os loucos receberam tratamento de isolamento por diferentes motivos e assim entender como sempre houve um descaso social por pessoas que sofriam de algum transtorno mental, o que facilitava a dominação do médico psiquiatra.

Ao realizarmos a análise da obra foi possível constatar como Machado de Assis criticou o pensamento científico positivista e o poder psiquiátrico através da história de seu personagem Simão Bacamarte, um cientista que sempre se achou superior aos demais por ser um homem da ciência, e mesmo assim nunca conseguiu constatar nada através de seus estudos.

Assim conseguimos perceber o papel essencial que o texto literário possui, pois consegue tornar assuntos de diferentes épocas atemporais, o texto de Machado de Assis ainda hoje, mais de um século depois de sua publicação, permanece extremamente atual e também nos possibilita o entendimento a respeito das práticas científicas e psiquiátricas do século XIX.

Espera-se que esta pesquisa possa suscitar uma reflexão sobre como o absolutismo de qualquer vertente pode ser prejudicial à humanidade, bem como também o escritor e a literatura têm um grande papel quando se trata de denunciar absurdos acontecidos em um determinado período da história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A história contada em detalhes.** Jornal da Unicamp, 2008. Campinas, 25 de ago. de 2008. Disponível em: <:: JORNAL DA UNICAMP ::>. Acesso em: 24 set. 2023.

ASSIS, Machado de. 1839–1908. **O alienista** / Machado de Assis; introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. -- São Paulo: Penguin Classics-Companhia das Letras, 2014.

ASSIS, Machado de. 1839–1908. **Helena**. 1. ed. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2018.

ASSIS, Machado de. 1839–1908. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 3. ed. Jandira-SP: Principis, 2019.

ASSIS, Machado de. 1839–1908. **Dom Casmurro**. [recurso eletrônico] / Machado de Assis; prefácio de Ana Maria Haddad Baptista. — 2. ed. — Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. *E-book* (199p.) (Série prazer de ler; n 7). color. ISBN: 978854020789-9. Disponível em: <<https://livraria.camara.leg.br/dom-casmurro-2ed>>. Acesso em: 26 set. 2023.

As sete artes — Quais são elas?. **Cultura**, s.d.. Disponível em: <o que colocar na referencia quando não tem ano - Pesquisa Google>. Acesso em: 23 set. 2023.

**Biografia**. ABL, c2011. Disponível em: <Machado de Assis | Academia Brasileira de Letras>. Acesso em: 02 set. 2023.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**, 4ª ed. Duas Cidades | **Ouro sobre Azul** São Paulo | Rio de Janeiro, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CORBANEZI, Elton. O terror do positivo: O alienista e o positivismo comteano. **Plural**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 209–232, 2015. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2015.102223. Disponível em: <O terror do positivo: O alienista e o positivismo comteano | Plural (usp.br)>. Acesso em: 27 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel, 1926–1984. **História da loucura: na Idade clássica** / Michel Foucault; [tradução José Teixeira Coelho Neto]. -- São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social**, v. 5, n. 1-2, p. 145–160, jan. 1993. Disponível em: <SciELO - Brasil - O Alienista: loucura, poder e ciência O Alienista: loucura, poder e ciência>. Acesso em: 21 ago. 2023.

JELINEK, Elfriede. **KD frases**, 2012-2023c. Disponível em: <<https://kdfrases.com/frase/140670>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

**Machado de Assis.** Wikipédia, a enciclopédia livre, 2023. Disponível em: <Machado de Assis – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)>. Acesso em: 24 set. 2023.

MARINHO, Fernando. **Literatura.** PORTUGUÊS, c2023. Disponível em: <Literatura: o que é, funções, história, gêneros literários (portugues.com.br)>. Acesso em: 02 set. 2023.

Perrot, Andrea Czarnobay. **Do Real ao Ficcional: A Loucura e Suas Representações em Machado de Assis.** Dissertação (Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Rio Grande do Sul Instituto de Letras, 2001. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2714>>. Acesso em: 12 de out. 2023.

**Questão.** Estratégia Vestibulares, 2012. Disponível em: <Questão Na Antiguidade grega, a loucura tinha um caráter mitológico que se misturava à normalidade. Num tempo em que ... (estrategia.com)>. Acesso em: 02 set. 2023.

SANTANA, Mirna. Brito. Entre costumes e tipos: Uma análise de O Alienista de Machado de Assis. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 227–246, 2020. DOI: 10.34024/hydra.2019.v4.9714. Disponível em: <Entre costumes e tipos | Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SCHWARZ, Roberto. **A Poesia Envenenada de Dom Casmurro.** Novos Estudos, São Paulo, v. 1, n 29, p. 85–97, mar. 1991. Disponível em: <(Microsoft Word - LV\_029\_NOVOS\_ESTUDOS\_MAR\307O\_1991\_A\_POESIA\_ENVENENADA\_DE\_DOM\205) (usp.br)>. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, Maurício. A Academia Brasileira de Letras e a institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.l.], v. 14, p. 69–84, jun. 2007. ISSN 2358-9787. Disponível em:<[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_e\\_a\\_roda/article/view/3242/3179](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/3242/3179)>. Acesso em: 22 set. 2023.

SONTAG, Susan. **Questão de ênfase: Ensaio.** Companhia das Letras, 2020. *E-book*. Disponível em: <Questão de ênfase: Ensaio - Susan Sontag - Google Livros>. Acesso em: 25 set. 2023.

VANESSE ANDRADE, M.; FERREIRA DE LIMA, A.; ELISALENE ALVES DOS SANTOS, M. A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2014. Disponível em: <Vista do A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis (emnuvens.com.br)>. Acesso em: 27 set. 2023.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira, de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908).** São Paulo: Letras & Letras, 1998.